

C B
H A

40° COLÓQUIO DO
COMITÊ BRASILEIRO
DE HISTÓRIA DA ARTE

PESQUISAS EM DIÁLOGO



40° COLÓQUIO DO
COMITÊ BRASILEIRO
DE HISTÓRIA DA ARTE

PESQUISAS EM DIÁLOGO

Realização



Co-realização



Universidade
Federal de
Uberlândia



**CBHA - Comitê Brasileiro de História da Arte
Fundado em 1972**

Presidente de honra: Walter Zanini (*in memoriam*)

Diretoria do CBHA (2020-2022)

Presidente: Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

Vice-presidente: Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Secretária: Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ)

Tesoureiro: Arthur Valle (UFRRJ)

Conselho Deliberativo (2020-2022)

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Blanca Brittes (UFRGS)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire (UFBA)

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

Comissão de Organização e Comitê Científico do 40º. Colóquio do CBHA

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU / CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ)

Bianca Knaak (UFRGS)

Camila Dazzi (CEFET – RJ)

Eduardo Veras (UFRGS)

Fernanda Pitta (Pinacoteca do Estado)

Maria Inez Turazzi (UFF)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP)

Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL)

Rogéria de Ipanema (UFRJ)

Tadeu Chiarelli (USP)

Imagem da Capa

Sandro Ka, Imagem e semelhança, 2013. Gesso e borracha, 26 x 17 x 6 cm. Foto: Santo Clic

Diagramação

Vasto Art

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (40: 2020)

Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em diálogo

(evento online), 7 -11 nov. 2020 (Organização: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). Uberlândia: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2021 [2020].

375 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.40>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do XXXIX Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte

Publicações, colóquios anteriores e demais informações estão disponíveis em:

<http://www.cbha.art.br/index.html>

Contato: cbha.secretaria@gmail.com

A proliferação dos cemitérios no Brasil: doenças epidêmicas e o registro de caricaturas

Maria Elizia Borges, Universidade Federal de Goiás/ CBHA

Resumo

A partir de 1870 tiveram início inúmeras polêmicas envolvendo a área médica, os políticos liberais, os maçons e os religiosos em torno da defesa da construção de cemitérios secularizados no Brasil. Durante a Primeira República, o fato foi consolidado e podemos considerar esse período como o da proliferação dos cemitérios. Outro fator preponderante para a propagação dessas construções foram as epidemias que ocorreram no país. Mencionamos neste artigo algumas delas: a de febre amarela (1850, Rio de Janeiro); a de cólera (1855, Bahia); a de varíola (1896); a de febre amarela (1892) e a gripe espanhola (1918 a 1919), que foram uma das causas dos primeiros sepultamentos no Cemitério da Consolação (SP, 1858). As caricaturas de Ângelo Agostini (1843-1910) datadas de 1866 e 1876 representam esse momento histórico com certo humor e crítica às ações governamentais. A pandemia de Covid-19 surgida o ano passado (2019) e que ainda perdura, também passou a ser representada por caricaturistas segundo o mesmo princípio sarcástico que tanto condiz com a caricatura brasileira, conforme consta na obra de Latuff, de 2020.

Palavra-chave: Cemitérios brasileiros. Epidemias. Caricaturas. Ângelo Agostini. Século XIX e XX.

Abstract

As of 1870, numerous controversies began involving the medical field, liberal politicians, Freemasons and religious people around the acted in defense of the construction of secularized cemeteries in Brazil. During the First Republic these constructions were consolidated and was the period as the proliferation of secular cemeteries. Another major factor for the spread of these constructions was the epidemics that occurred in the country. We mention in this article some of them as: the yellow fever (1850, Rio de Janeiro); cholera (1855, Bahia); smallpox (1896); yellow fever (1892) and Spanish flu (1918-1919), the later causes the first burials at Consolação Cemetery (SP, 1858). Ângelo Agostini's political cartoonist (1843-1910) from 1866 to 1876 represented this historic moment with a certain humor and criticism of government actions. The Covid-19 pandemic that emerged last year (2019) and still endures, also came to be the aim of the political cartoonists according to the same principle of criticism that is so consistent with the Brazilian drawing of political cartoon, as stated in Latuff's work, 2020.

Keywords: Brazilian cemeteries. Epidemics. Political cartoons. Ângelo Agostini. 19th and 20th century.

A construção dos cemitérios convencionais e secularizados no Brasil

Podemos considerar que a luta pela secularização dos cemitérios brasileiros iniciou-se em 1870 com as inúmeras polêmicas suscitadas por políticos que defendiam uma plataforma republicana. Nesta constavam a institucionalização do registro civil, o estabelecimento do casamento civil e a secularização dos cemitérios públicos, fato concretizado pelo Decreto Federal n.º 789, de 27 de setembro de 1889. Recordando, já em 1789, D. Maria de Portugal recomendou ao bispo do Rio de Janeiro, Dom José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco, que se construíssem no Brasil cemitérios separados da igreja, conforme já se fazia na Europa. Em 1801, o príncipe regente D. João reitera o mesmo pedido ao capitão-general de São Paulo. Já a Lei n.º 1, de outubro de 1828, promulgada por D. Pedro I, determina a obrigatoriedade da construção de cemitérios ao ar livre (Borges, 2002).

A mesma preocupação da Corte portuguesa foi compartilhada pelo pernambucano José Correia Picanço (1745-1823), Barão de Goiana e cirurgião-mor do Reino de Portugal quando publicou um tratado sobre os miasmas da época no livro *Ensaio sobre os perigos das sepulturas dentro das cidades e seus contornos* (1812). O Dr. Picanço, aclamado como “patriarca da medicina brasileira”, alertou para os perigos dos odores pútridos na contaminação das cidades. apresentou um histórico sobre o sistema de enterramento nas civilizações ocidentais e orientais; e questionou o enterramento no interior das igrejas, assunto bastante discutido na época pelos higienistas europeus. “Por mais cuidado que se tenha, nunca se poderá absolutamente ventilar, nem renovar o ar no coro, nas capelas, e em certos ângulos da igreja e suas dependências” (Picanço, 1812, p. 80).

A referência ao texto do Dr. Picanço nos fez imediatamente lembrar de uma das pranchas de Jean-Baptiste Debret datadas de 1835/1839 – *Manhã de quarta-feira santa na igreja* –, que retrata senhoras sentadas sobre as lápides da Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, no Rio de Janeiro (*apud* Leenhardt, 2015, p. 521). Ao que tudo indica, as admoestações do Dr. Picanço parecem não ter causado nenhum efeito sobre os eclesiásticos da época.

Os primeiros cemitérios convencionais, construídos antes da Primeira República, mantiveram seu controle administrativo nas mãos das irmandades religiosas, como já acontecia quando do enterramento dentro e ao redor das igrejas. Citamos o caso do Cemitério da Ordem dos 3^{os} dos Mínimos de São Francisco de Paula (1849), no bairro Catumbi, Rio de Janeiro, projetado pelo arquiteto José Maria Jacinto Rebelo (1821- 871). Em 1850, primeiro ano de sua fundação, o cemitério iniciou desamparado, pois enterrou 3.000 corpos de pessoas vitimadas pela epidemia de febre amarela. Foi reativado em seguida como o “Cemitério da Nobreza”, segundo Clarival do Prado Valladares, por abrigar os monumentos luxuosos dos novos ricos que tinham título nobiliárquico (*apud* Borges, 2002, p. 139-140).

No local está enterrado o Comendador Joaquim Antônio Ferreira, o Visconde de Guaratiba (1777- 1859), um dos benfeitores do cemitério e também considerado como um grande traficante de escravos para o Brasil. O seu mausoléu foi o maior e o mais pomposo da época, obra construída pelo marmorista da Casa Imperial, o genovês José Berna (Batista, 2008). Na publicação de sua marmoraria consta o nome do Visconde de Guaratiba, dada a importância de seu empreendedorismo na divulgação da empresa (Figura 1).



Fig. 1. Propaganda da Marmoraria da Casa Imperial, italiano José Berna, 1865, Rio de Janeiro. Rua da Ajuda, 47m51.
Fonte: **Facebook** Acesso em: 11 jan. 2021.

Retomando a secularização dos cemitérios no Brasil, o republicano e maçom Saldanha Marinho é reconhecido como um dos mais importantes adeptos do fim do domínio religioso sobre os enterros. Nesse sentido, apresentou um projeto na Câmara dos Deputados em 1879, mas que foi recusado. A disputa entre o poder político e religioso sobre o espaço dos cemitérios só foi resolvida com a Proclamação da República, quando ocorreu oficialmente a separação entre o Estado e a Igreja. Ficaram então os cemitérios sob a administração do poder público e, conseqüentemente, houve a proliferação deles. Ressaltamos, todavia, que a cidade de São Paulo instalou seu primeiro cemitério público secular em 1858, antes, portanto, da obrigatoriedade republicana (Borges, 2002).

Mencionamos aqui o Cemitério da Consolação (fundado em 1864), que inicialmente destinou uma parte de sua área para os protestantes; outra para os

católicos da Ordem 3.^a Do Carmo, e uma grande parte para os falecidos de febre amarela, ocorrida na cidade no período de 1892 a 1906. De 1918 a 1919, seus administradores tiveram também de reservar um espaço para os falecidos da gripe espanhola. A ampliação do cemitério ocorreu em dois momentos: em 1884 e em 1890. A partir de 1897 houve um processo de elitização do local, com construções de monumentos majestosos construídos pela elite paulista enriquecida com a monocultura cafeeira, seguida pelos imigrantes empoderados com a locação do setor industrial.

Em consonância com a magnitude que adquiriu, em 1902 o arquiteto Ramos de Azevedo construiu a fachada neoclássica para o Cemitério da Consolação, marco de ostentação da elite vigente, que tinha uma missão civilizadora para a cidade (Borges, 2002). O cemitério foi tombado pelo CONDEPHAAT em 2005, órgão nacional e pelo CONPRESP em 2017, órgão estadual.

De acordo com a pesquisadora Rita Barradas Barata (2000, p. 1-18), a febre amarela atingiu 6,2% da população do estado de São Paulo, doença que fez vítimas tanto no espaço urbano como agrário. Acreditava-se que o foco se irradiou a partir de uma hospedaria de imigrantes em São Paulo, daí se estendendo para todo o interior do estado, principalmente para a região cafeeira (cidades de Santos, Ribeirão Preto e Itu). As medidas de prevenção consistiam no isolamento hospitalar dos doentes; na destruição dos criadouros, com o uso do querosene; na canalização dos córregos; e no aumento da coleta de lixo urbano. Coincidentemente, os doutores Emilio Ribas e Adolfo Lutz, que trabalhavam pela exterminação dos focos do mosquito como medida profilática, foram acometidos pela doença.

O discurso higienista da época foi também o grande agente para impor a proliferação dos cemitérios secularizados em todo o país. A gripe espanhola, por sua vez, foi vista como a mais severa das doenças epidêmicas do século XX. O contágio era feito pela saliva e por espirros, com a doença atingindo os pulmões. A gravidade da pandemia exigiu a suspensão das atividades escolares, comerciais e industriais, e proibiu-se a aglomeração de pessoas. Mesmo assim, o 5.^o Presidente do Brasil, Rodrigues Alves (1848-1919), foi vitimado pela doença. Enfim, o poder público e os higienistas induziram a obrigatoriedade dos cemitérios secularizados no Brasil.

As representações artísticas da morte, dos cemitérios e das epidemia

Ao abordar o assunto epidêmico, temos de retornar ao histórico da Peste Negra (1348) que assolou a Europa e a Ásia e causou grande impacto nas pessoas, que perceberam como são frágeis e efêmeras as suas vidas. Conforme Jacques Le Goff (2011), foram dizimados 2/3 da população europeia. Essa peste foi causada por uma bactéria encontrada em pulgas, que por sua vez a pegaram de ratos contaminados. A transmissão pela via respiratória era rápida, levando ao falecimento dos indivíduos em questão de dias. Como consequência da peste, houve o desmoronamento da ordem vigente e o isolamento dos doentes, enquanto o sepultamento era realizado em massa, em valas comuns, e às vezes os corpos eram

incendiados. Houve, então, a proliferação dos cemitérios na Europa, para que se conseguisse realizar tantos enterramentos ao mesmo tempo.

Para o artista da época, tal situação não passou despercebida, conforme podemos constatar com as representações artísticas de danças macabras que surgiram a partir do século XIV nas igrejas de vilas rurais e em cemitérios. Citamos aqui o afresco “Dança Macabra”, pintado em 1424 na parede das arcadas do *charniers*, parte coberta que contornava o Cemitério dos Sants Innocents (principal cemitério da cidade de Paris). No seu teto havia uma vala comum para agrupar os ossos dos indigentes vitimados pelas epidemias (Figura 2). Esse afresco é considerado como o ponto de partida para essa tradição pictórica, que geralmente era acompanhada por versos sobre o tema. Infelizmente não se tem o registro desse afresco demolido em 1529. Guyoyt Marchant fez em 1485 a primeira edição do poema “La Danse Macabre”, com gravuras inspiradas nesse afresco¹.

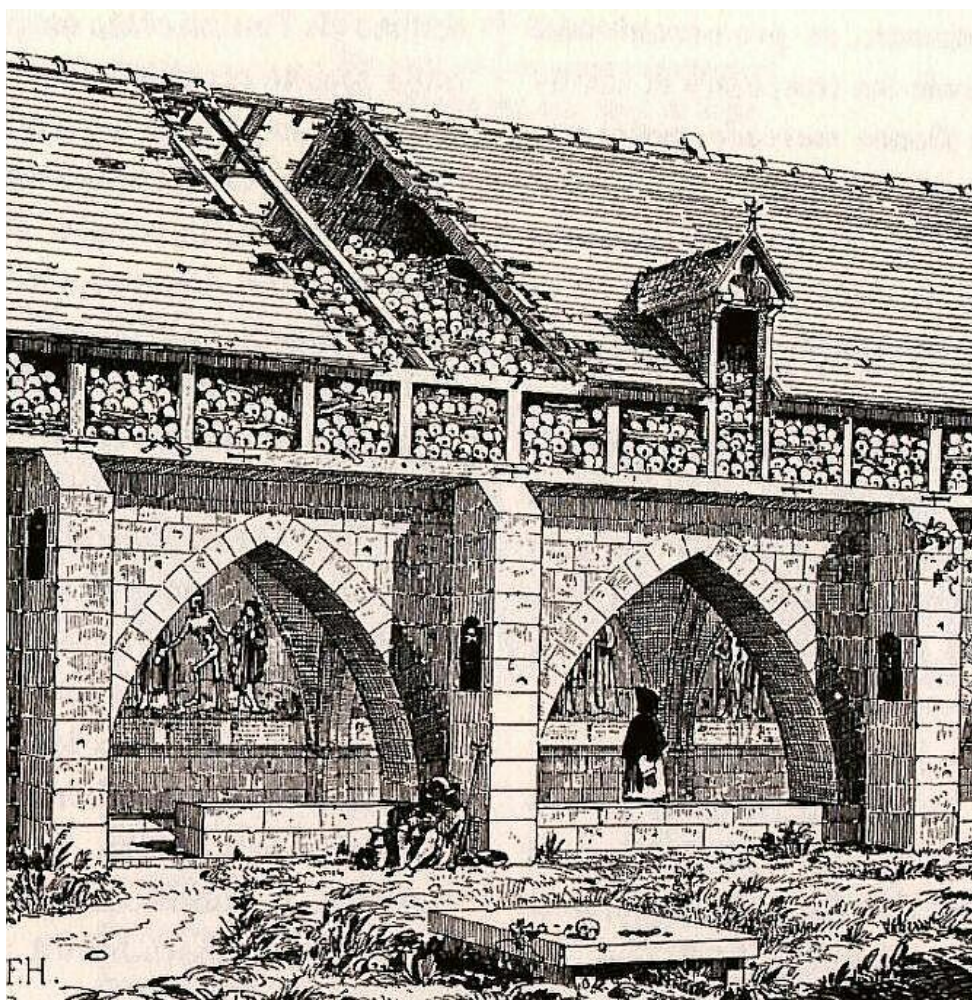


Fig. 2. Parte do Charniers do Cemitério dos Saints Innocents, Paris. Local do afresco “Dança Macabra”, de 1424, destruído em 1529. Fonte: Grande-boucherie. Chez- alice .fr/. Acesso em: 27 dez. 2020

¹ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Dança_macabra. Acesso em: 11 jan. 2021.

A alegoria macabra consiste na representação da personificação da morte. Normalmente é composta por uma fileira de personagens da realidade medieval vivos – tais como reis, príncipes, cavaleiros, eclesiásticos, comerciantes, artesãos, lavradores, mendicantes, enfim, um elenco muito variado, todos vestidos com trajes que marcam as suas situações hierárquicas dentro da sociedade vigente – e mortos (forma esquelética), que dançam entre si com um grande humor ácido. As imagens eram completadas abaixo com textos que dialogavam com os vivos e os mortos. Algumas vezes os esqueletos portavam instrumentos musicais, algo assim como “[...] uma sátira: os mortos animados, parecem muito mais vivos que seus pares” (Schimitt, 2017, p. 40). Vemos nessas obras um realismo mórbido que os artistas traduzem para demonstrar o caráter horrível da peste negra.

Outros lugares e artistas também se apropriaram dessa realidade cruel de forma jocosa. Lembramos dos afrescos do Cemitério do Claustro de Saint-Paul, em Londres, e o da abadia de La Chaise – Dieu, no interior da França. Houve também obras voltadas para a questão epidemiológica, por exemplo, a dos artistas alemães Bernt Notke (1435- 1508) e Hans Holbein (1497-1543), o Jovem. O primeiro fez em 1463 uma dança macabra para a Igreja de São Nicolau, de Tallinn, parte dela exposta, atualmente, no Museu de arte da Estônia, enquanto o segundo fez a xilogravura “O vendedor ambulante” (figura 3), que retrata um homem andando e sendo seguido pelo esqueleto que representava a peste negra (1538, Londres, Série da dança macabra).



Fig. 3. Hans Holbein, o Jovem. Gravura. “Vendedor ambulante”, 1538. Fonte: [Wikipedia](#)
Acesso em: 10 mar. 2021.

Voltando para o caso dos cemitérios brasileiros, instalados às pressas para resolver os problemas das epidemias que assolavam o país e objetos de nossa pesquisa, percebemos o quanto a arte da caricatura se materializou dentro dessa realidade. O advento da imprensa ilustrada em 1840 propiciou aos caricaturistas que dialogassem com os artistas retratistas e os de gênero histórico, criando um humor no seu traço, cunhando uma visão invertida do mundo cheia de humor, repleta de significados que provocam o riso da ironia ali instalados sobre a morte e o local dos mortos. Destacamos aqui a pesquisa da historiadora Myriam Bahia Lopes, da Universidade Federal de Ouro Preto, que escreveu o artigo “Corpos ultrajados: quando a medicina e a caricatura se encontram” (1999), demonstrando a intersubjetividade das caricaturas que retrataram o Dr. Oswaldo Cruz, no início do século XX.

Sabemos que o Dr. Oswaldo Cruz (1872- 1917) colecionou um álbum com suas caricaturas publicadas pela imprensa brasileira. Como diretor da saúde pública no século XIX, impôs a obrigatoriedade da vacina contra a varíola no país, contrariando a muitos. A varíola é uma doença muito antiga, detectada há milhares de anos e que no século XVI dizimou grande parte da população indígena do Brasil. Instalaram-se no país vários cemitérios dos “bexiguentos”, conforme eram denominados os mortos de varíola. A doença é transmitida por secreções e saliva infectadas e afeta o sistema imunológico provocando diversas deformações na pele e criando um aspecto bastante assustador do paciente². Citamos aqui um cemitério da cidade de São Simão (SP) construído distante da cidade, do outro lado da estrada que leva para Santa Rosa de Viterbo (SP), e destinado ao enterro dos mortos da febre amarela, da gripe espanhola e da varíola. A localização desse cemitério mostra que as autoridades procuravam, quando possível, enterrar as vítimas das epidemias bem longe da cidade.

Voltando ao negacionismo da postura do Dr. Oswaldo Cruz, os caricaturistas o retratavam acentuando seus fartos cabelos e bigode, colocando-o em uma situação ridícula, que provocava riso. Os trajes ajudavam na composição metafórica do Dr. Oswaldo, como em “O Nero da Higiene”, de Cícero Valadares (publicado no jornal *O malho*, 1904); “O Luis XIV da seringaço”, de Kalixto (publicado em *Falcão*, 1904); “Guilherme Tela de Arame”, de J. Carlos (veiculado em *Tagarela*, 1904); “Herodes Cruz”, de Artur Lucas (em *Falcão*, [s.d.]). Todas essas representações são analisadas detalhadamente por Lopes (1997).

O nosso foco consiste em apresentar, inicialmente, as caricaturas de Ângelo Agostino (1843-1910), que envolvem o Cemitério da Consolação e a morte na cidade de São Paulo. Esse italiano, quando adolescente, chegou ao Brasil com sua mãe, que era cantora lírica. Tornou-se o mais importante artista gráfico do Brasil na segunda metade do século XIX. Como editor de revistas e ativista político, fundou em São Paulo, com outras pessoas o semanário *Diabo Coxo* em 1864, no qual fez ilustrações satíricas sobre o império. Em 1866, participou da fundação do jornal *O Cabrião*, junto com várias pessoas do Partido Liberal, e criou nesse periódico

² Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/variola/> Acesso em: 10 nov. 2020.

semanal diversas sátiras, dentre elas, algumas sobre o enriquecimento de uma ordem religiosa, e caricaturas voltadas para a morte proveniente das epidemias e sobre *O Cemitério da Consolação no dia de finados* (Figura 04).



Fig. 4. “O Cemitério da Consolação no dia do finados”, caricatura de Ângelo Agostini. Fonte: Semanário *O Cabrião*, 4/11/1866.³

O desenho simula o encontro entre vivos e mortos na primeira quadra do Cemitério da Consolação. Eles se comunicam amigavelmente, bebendo, conversando, abraçando-se ou passeando por entre as lápides. A representação dos homens vivos mostra os trajes e os hábitos sociais da época: fraque e cartola na cabeça, bebida na garrafa ou no copo e um charuto na boca. Compunha-se, assim, o figurino dos novos-ricos, segundo a linguagem visual comumente utilizada pelos caricaturistas. Os esqueletos (os mortos) estão nus, como a criança do primeiro plano ou cobertos parcialmente por um pano. As lápides e os túmulos estão levemente esboçados, bem como a grade de ferro da entrada do cemitério.

³ Disponível em:
www.maquinadostempos.com/post/conheça-a-primeira-charge-a-motivar-um-processo-criminal-na-história-do-brasil/
Acesso em: 10/11/2020.

Certamente Ângelo Agostini inspirou-se nas danças macabras medievais, citadas anteriormente.

O semanário *O Cabrião* não se deixou lograr e comemorou o resultado do processo apresentando a caricatura “O baile dos mortos” (Figura 05).



Fig. 5. “O baile dos mortos”, caricatura de Ângelo Agostini. Fonte: Semanário *O Cabrião*, 1866⁴.

“Grande baile dado aos mortos pelo Cabrião em aplauso da feliz determinação do seu processo. O Cabrião é um inimigo leal; perdoa as amolações porque também amola. Só não perdoa os delatores”. Esse texto foi colocado abaixo da caricatura mostrada na Figura 05 e, nela, os esqueletos dançam na entrada de um edifício de porte neoclássico. Lá dentro, do lado direito, alguns esqueletos comem ao redor da mesa farta de comida e bebida, iluminada por um lustre de

⁴ Disponível em:
www.maquinadostempos.com/post/conheça-a-primeira-charge-a-motivar-um-processo-criminal-na-história-do-brasil/
Acesso em: 10/11/2020.

crystal, símbolo de poder econômico; e do lado esquerdo, na parte externa, há um palanque onde eles tocam instrumentos, formando uma banda musical.

Ainda na Figura 05, um homem com um cetro está sentado em um trono, representação que pode ser tanto do proprietário do jornal como do próprio artista, pois no alto, gravado na porta, está um brasão referendando as artes visuais – palheta, pincéis, tinteiro. Em cada um dos lados da porta, o desenhista colocou uma escultura “clássica”, que simula a orgia do baile. Do lado esquerdo, está um homem de casaca sobre uma mesa, carregado por esqueletos, que segura em uma das mãos um estandarte comemorativo da vitória do processo judicial do jornal *Cabrião*. Na outra mão, ele traz um champagne, saudando a todos os esqueletos. A obra é também provocativa dada a escolha da ostentação do prédio, com um cenário repleto de humor e alegria.

Antes da caricatura que representa a entrada do Cemitério da Consolação, Ângelo Agostini fez outra, de cunho político-social, sobre as atitudes dos agentes funerários de São Paulo e o caos da sociedade diante dos surtos epidêmicos da época (Figura 06).



Fig. 6. Uma crítica à companhia funerária de São Paulo. Caricatura de Ângelo de Agostini.

Fonte: Semanário *O Cabrião*, outubro de 1866⁵

A figura mostra dois carros funerários, e em um deles defunto e cocheiro travam o seguinte diálogo:

“Defuncto: — Páre, Sr. Cocheiro, que já me sinto desconjuntado.
Cocheiro: — Aguente-se meu amigo, preciso voltar logo, para tomar outro freguez.”:

⁵ Disponível em:
www.maquinadostempos.com/post/conheça-a-primeira-charge-a-motivar-um-processo-criminal-na-história-do-brasil/
Acesso em: 10/11/2020.

Podemos observar ainda as condições precárias das ruas.

Conforme Camargo (2007), o empresário Joaquim Marcelino da Silva detinha o privilégio de ser o maior proprietário da companhia funerária da cidade, logo questionado pela imprensa da época. O autor cita o aumento dos enterros noturnos dos “temidos Cadáveres” da epidemia, com despedidas rápidas. A cidade de São Paulo teve de se adaptar à nossa configuração epidêmica melhorando a iluminação pública e as ruas mais vazias, o que facilitava o trabalho dos cocheiros que não deveriam “parar em lugar nenhum” (Camargo, 2007, p. 404) até chegar no cemitério próximo ao Hospital de Isolamento, aberto em 1880 até 1897, atual Cemitério do Araçá (1897) e distante do Cemitério da Consolação.

Em 1867, Ângelo Agostini mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou a colaborar com vários periódicos, tais como *O Arlequim* (1867); *Revista Fluminense* (1868) e *O Mosquito* (1869), até fundar a *Revista Ilustrada* (1876). Entre as inúmeras sátiras publicadas nessa última revista, destacamos aqui “O Carnaval de 1876” (Figura 07). A obra traz a morte avassaladora travestida de um esqueleto gigante pairando sobre a multidão e ceifando os carnavalescos aglomerados em uma rua da cidade do Rio de Janeiro. Na mortalha do esqueleto, consta a palavra “febre amarela”. No meio da alegria, existem carros alegóricos, bandeirolas, músicos tocando, pessoas fantasiadas. O arco que emoldura a festa apresenta no centro uma caveira mascarada, ladeada por garrafas de vinho; no lado direito, vemos um veículo mortuário carregando um caixão e, no lado esquerdo, uma charrete conduzindo um folião todo eufórico. Vemos a morte como “dona da festa” (Schmitt, 2017, p. 230).

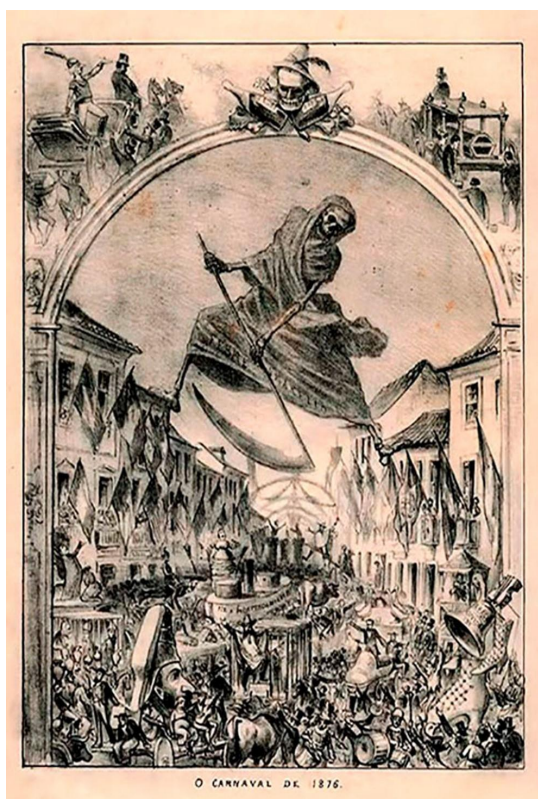


Fig. 7. “O carnaval de 1876”, caricatura de Ângelo de Agostini para a *Revista Ilustrada*. Fonte: Schmitt (2017, p. 230).

As quatro caricaturas de Ângelo Agostini ajudam-nos a compreender uma série de questões formais, tal como colocar no centro da composição o foco da ação: as pessoas, os esqueletos, os cocheiros e o carro alegórico. O caricaturista agrupa um conjunto de significados ligados intimamente ao período histórico no qual a sociedade estava vivendo. Ele faz uma crítica feroz à omissão do poder constituído; demonstra o desgaste das ruas da cidade de São Paulo; mostra uma multidão inconsequente com relação a epidemia; e enfatiza o poder da morte epidêmica sobre os vivos. Após esse período, o caricaturista brasileiro fundou a revista infantil *O Tico-Tico* e começou a se dedicar mais às histórias em quadrinhos, outro legado deixado por ele.

Algo a pensar

As caricaturas que mostramos aqui oferecem algo a pensar: vinculam pensamentos, transmitem significados e dialogam com o leitor de modo provocativo, próprio da imagem mental (Samain, 2012). Diríamos que há reverberações dessas caricaturas no tempo presente vivenciado pela epidemia da Covid-19. As pontuações higienistas ecoam, tais como o processo de preservar a saúde evitando aglomeração social; o hábito de lavar as mãos com frequência e de usar a máscara como objeto protetor no ambiente social. O risco do contágio e a disseminação da doença faz com que se reatualizem antigas práticas e que se imprimam novas dinâmicas no espaço cemiterial para lidar com os sepultamentos rápidos e sem a presença dos entes queridos do falecido.

Lembramos que, assim como no período de Oswaldo Cruz, conforme vimos anteriormente, também agora surgem pessoas negacionistas da epidemia, que recusam sistematicamente o conhecimento da ciência da saúde. Nesse vaivém, selecionamos dois cartuns de Carlos Latuff, da série “Bolsonaro e o Coronavírus”, publicada em 2020, e que mostra a morte dentro dos cemitérios.

Na Figura 08 observamos o desespero do familiar diante do túmulo simples, com lápide e uma cruz no topo, posicionado ajoelhado e coberto pela bandeira do Brasil. Latuff coloca atrás do personagem brasileiro a morte pela Covid-19, representada por uma grande caveira com foice na mão esquerda e questionando: — Acredita em mim agora? Trata-se de um gênero de discurso humorístico bem mais leve do que a realidade nos apresenta. Deparamo-nos com cemitérios que improvisam muitas covas paralelas, onde o parente não tem como se despedir do ente querido falecido nem chegar perto da cova em um primeiro momento.



Fig. 8. Latuff 2020. Brasildefato.com.br.

Fonte: latuffcartoons.Wordpress.com/#jp-carousel-4877.Acesso em 11/03/2021.

Já na Figura 09, o cemitério contém uma cova que representa o mapa do Brasil e está repleto de caveiras, e cuja lápide traz a inscrição: “Aqui jaz o povo brasileiro”.

O coveiro, no caso, está cobrindo a cova com uma pá. Latuff enfatiza e exagera as características da pessoa apresentada como coveiro (presidente Bolsonaro) de uma forma humorística, acentuando o sorriso quando diz: “Só uma gripezinha... Ha! Há! Há! Há! Há! Há! Há!”. O cartunista apropria-se de uma frase que simboliza o negacionismo do atual presidente da República.

Estamos no século XXI, período histórico calcado no avanço tecnológico e científico; todavia, os problemas sociais multiplicam-se diante de uma epidemia, assim como ocorreu em outros períodos da história. O caricaturista continua com a função de acentuar essas circunstâncias sociais com muita habilidade e criatividade.



Figura 9. Latuff- brasil 247.com

Fonte: latuffcartoons.Wordpress.com/#jp-carousel- 4877.Acesso em 11/03/2021.

Referências

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. *Jardim regado com lágrimas de saudade - Morte e de Cultura Visual na Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula (século XIX)*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História Social, UFRJ, 2008.

BARATA, Rita Barradas. Cem anos de endemias e epidemias. In: *SciELO - Saúde Pública*. Disponível em: <https://www.sielosp.org/article/csc/2000.v5n2/333-345/> Acesso em: 10 jan. 2021.

BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto* = *Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/Arte, 2002. 312 p.: 125 il.

CAMARGO, Luís Soares de. *Viver e morrer em São Paulo. A vida, as doenças e a morte na cidade do século XIX*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em História Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEENHANDT, Jacques (org. e ensaio). *J.B. Debret. Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Imprensa oficial do Estado de São Paulo: 2015.

LOPES, Myriam Bahia Lopes. *Corpos ultrajados: quando a medicina e a caricatura se encontram*. In: *História. Ciência. Saúde- Manguinhos* vol. 6 no. 2 Rio de Janeiro. July/Oct. 1999.

SAMAIN, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

SCHMITT, Juliana. *O imaginário macabro. Idade média- Romantismo*. São Paulo: Alameda, 2017.

Como citar:

BORGES, Maria Elizia. A proliferação dos cemitérios no Brasil: doenças epidêmicas e o registro de caricaturas. *Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Pesquisas em Diálogos*, Evento virtual, CBHA, n. 40, p. 41-55, 2021 (2020). ISSN: 2236-0719.
DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.40.04>
Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.html>